



Uma vista de Veneza

A cidade de Veneza, de que já fallámos neste mesmo volume do *Panorama* a proposito da ponte de Rialto, apparece agora aos nossos olhos cheia de um esplendor mais vivo e de uma belleza mais radiante. A rainha do adriatico parte os grilhões que lhe arroxavam os pulsos, e entretece grinaldas para se coroar jubilosa. Resuscitou Veneza, *Venezia la bella*, o paiz das gondolas e dos cantares, do luar pallido e dos palacios mysteriosos, dos Foscari e de Desdemona, dos ciúmes e das voluptuosidades, das vinganças e dos extasis. O seraphim da poesia adeja outra vez sobre as aguas transparentes dos seus canaes, e de noute, quando a lua vem dourar as cupulas dos edificios, os amantes estremecem ouvindo o canto melancolico dos gondoleiros. A ultima nuvem de pó que os estrangeiros, partindo, fizeram erguer d'esse sólo, foi já dourada pelos clarões da liberdade, pela luz d'essa aurora immensa accesa pela Italia, e abençoada por Deus.

Salve, magna parens frugum, Saturnia tellus
Magna virum...

A Veneza dos doges enlaça-se nos braços de suas irmãs. Volveu-lhe a quadra da mocidade e

do amor, dos longos beijos e das barcarolas, das effusões ardentes e dos passeios silenciosos. O leão de S. Marcos desperta enfim do lethargo, e accorda, rugindo, a loba de Roma. Desde os Alpes até o Adriatico o hymno da redempção fere os ares; e Veneza, a poetica, a bella, a opulenta, mira-se nas ondas que, arrojando perolas, lhe beijam lascivamente os pés.

Oh, a Italia uma, a Italia livre, a Italia remocada pelo entusiasmo; a patria do Dante e de Miguel Angelo realentada para os nobres affectos e para as altas aspirações; a mãe fecunda que deu ao mundo os seus filhos mais gloriosos santificada pelo sôpro da liberdade — eis o que é grande, eis o que faz bater o coração.

Dissiparam-se os lamentosos sons que as musas de Bembo Pietro, de Alexandre Marchetti e de Filicaja haviam entoado tristemente; o céu da Italia, illumina-se hoje com a brilhante alvorada que lhe assoma, e orvalha os louros que a deusa da arte havia deixado emmurechecer na frente.

Os que hontem se haviam deitado servos acordaram hoje cidadãos, os que sentiam amordaçada na alma a voz do direito levantam-se hoje em

nome do plebiscito, e elegem na soberania da sua vontade a bandeira a cuja sombra querem repousar. Partem-se os jugos, destendem-se os circulos da tyrannia, os velhos conquistadores amparam os diademas que cambaleam, as aguias que se afferravam sobre as muralhas rotas dos povos subjugados começam a ensaiar o vôo, para se recolherem aos ninhos donde vieram. Que são estes vapores que se condensam na atmosphera? São os fumos das aspirações dos povos que se debatem, fumos que se farão nuvens, nuvens que se carregarão de fogo, fogo que partirá em raios fulminando as eminencias das serras. A terra sente-se grávida do futuro; os horisontes purpuream-se de auroras. Celeridade incrível dos acontecimentos! Não ha muito ainda que um bello talento poetico da Italia escrevia a um dos nossos mais sympathicos homens de letras:

Edor?... Silenzio... mormora
Terribile pei cieli
Sconvolgori uragano,
Che del futuro i vli.
All'universo attonito
Alfine squarcierà...

Frante dalla sua folgore
Dell'adria le catene,
Venesia ancora sorgere
Vedremo dalle pene;
Ringiovanita splenderne
Vedremo la belta.

O vulcão passou, de feito, as tempestades dissiparam-se, o rumor das armas desvaneceu-se, e Veneza estende agora a mão ás suas irmãs italianas. Não ha resistir a este movimento impetuoso das nações, a este afirmar de direitos que ha mais de setenta annos conquistaram os povos.

De um a outro cabo a idéa redemptora sollevanta os espiritos; e os labios descollam-se no grandioso côro da liberdade. Os pequenos reinos ou procuram constituir-se n'uma existencia independente e áparte, ou tendem para alliar-se á mãe commum. O passado é-lhes norma. A Polonia saccode como Lazaro a sua mortalha ensanguentada, e não podendo espadacar os laços que a cingem, rasga as feridas no desespero, e espera a voz do novo Christo; na Irlanda, a santa faisca ainda viva entre as cinzas de O'Brien e de O'Connel promete lavrar e irromper em incendio; no Mexico a fermentação é continua; Creta discute com o imperio ottomano, e atira á liça o seu terrivel argumento de quarenta mil baionetas; a Italia funde-se n'um corpo solido e homogenio, e de cem perolas disseminadas fórma a sua corôa real.

Saudemos os povos que se libertam. Sobre as ruinas das velhas instituições que baqueam, e dos thronos feudaes que se desconjuntam é que a humanidade tem de formar esse grupo de familias, chamadas nações, que terão por limites as suas barreiras naturaes, e por código a justa liberdade commum.

E. A. VIDAL.

A felicidade é uma phantasma que floresce nas campinas do ceu, e que não pode aclimar-se na terra.

R. DE BASTOS.

ADRIANO BRAWER

Pintor flamengo

Vimos ha dias noticiado n'um jornal da capital, o valioso presente que o sr. Francisco Lourenço da Fonseca acaba de fazer á Academia das Bellas Artes de Lisboa, d'um quadro do celebre pintor da escola flamenga, cujo nome se acha escripto á frente deste artigo. Este magnifico brinde despertou-nos a vontade de esboçar em breves phrases a desvairada, curta e infeliz vida d'aquelle extravagante artista, tal como a achamos descripta n'outros escriptores.

Como Bocage, Mozart e alguns outros privilegiados, Adriano Brawer, Braur, ou Broor (que de todos estes modos o achamos escripto) parece ter sahido artista das simples mãos da natureza. Nascido em Oudenarde, (1) em 1608, ficou sem pae de tenra idade. De poucos annos ainda, e mal sahido da infancia, era o seu passa-tempo pintar em pequenos bocados de panno, flores ou aves, que sua mãe vendia ás aldeôas das visinhanças, tirando d'ahi alguns meios de subsistencia.

Decorrido algum tempo neste primeiro balbuciar do genio, um dia acertou de passar por aquelle lugar, onde Brawer como que brincava com os primeiros rudimentos da arte, um pintor já notavel Francisco Hals. Este pintor (que teve a honra de retratar Van Dyck, e ser por elle retratado) admirado do talento que revelava aquella criança em seus incultos ensaios, propoz á pobre mãe de o levar e instruir na arte, para que mostrava as mais raras disposições. Qual não seria o prazer do pequeno Adriano ouvindo semelhante proposta! Aceite o partido, eil-o, solto das doces caricias maternas, crendo-se já nos penetrais da gloria.

Partio. E ao lado do mestre que lhe ia comunicar os segredos da arte, que elle já em parte adivinhára, que idéas não discorreriam pela phantasia do pequeno Adriano! Hals era agora para elle um Deus, que o arrancára da obscuridão, e lhe ia desenrollar á sua vista, ainda timida, um turbilhão de luz. Infeliz! mal sabia o destino que o aguardava! que transes lhe não havia de custar a iniciação nos mysterios do sacerdocio da arte!

Entrado em casa de Hals, foi contado no numero de seus discipulos, mas despresado e tratado como o infimo d'elles. Hals, porém, era dissoluto. A maior parte do seu tempo ia-se entre a crapula e a devassidão, pelas tabernas e bodegas, (o que succedeu a uma grande parte dos pintores flamengos); as necessidades de sua mulher e familia, e o seu desregramento resolveram-n'o, como o faria um avarento, a lançar mão d'um meio de gosar dos commodos da vida sem fadiga. Apesar de despresado, Brawer era já conhecido por seu mestre com uma grande vocação, e lembrado do pequeno interesse que a mãe d'elle colhia dos seus pueris trabalhos, tratou Hals de extrahir dos novos todo o producto de que precisava. Adriano foi obrigado por seu mestre, fóra da vista dos

(1) Segundo outros, em Harlem

outros discipulos, a compor pequenos quadros, que este vendia por bom preço. Hals já tinha com que satisfazer as necessidades da familia, e a sua extravagancia. E ainda ao menos se tratassem o pobre Adriano como deviam! mas receiando as indigestões ou as apoplexias, ministravam-lhe apenas tão escasso sustento, que Brawer magro e macilento, mais parecia um cadavér, que um joven na primavera dos annos!

Augmentando a ambição na proporção dos recursos que semelhante mina lhes produzia, trataram, Hals e sua avára metade, de melhor a aproveitarem. Brawer foi separado de todo de seus condiscipulos, e encerrado dia e noite n'um celeiro, onde a um trabalho o mais aturado, correspondia o mais insignificante alimento. Pobre Adriano!

Brawer porém era singelo, bom moço, e posto que mal trapido tinha a sympathia de seus collegas. A sua ausencia ou afastamento fez scismar estes, que procuraram por todos os meios informar-se do que fazia o pobre Adriano. Aproveitando as frequentes ausencias do mestre, descobriram a prisão de Brawer, e vendo em que elle trabalhava, ficaram espantados dos lindos quadros que executava o seu condiscipulo, reconhecendo no miseravel e despresado Adriano um artista de primeira ordem. Logo um d'elles lhe propoz que, se lhe pintasse *os cinco sentidos*, lhe daria cerca de 40 reis por peça: foi um triumpho o seu trabalho! outro lhe pede *os doze mezes*; e assim continuaram algum tempo, julgando o nosso preso uma grande fortuna, o producto dos pequenos quadros que compunha a occultas.

Como, porém, já dissemos, a avareza dos Hals era insaciavel, e ou porque fosse aguçada pelos grandes lucros que tiravam dos quadros de Adriano, ou porque suspeitassem dos seus trabalhos escondidos, o encerro mais se apertou ainda, e a vigilancia foi cada vez mais activa, nomeadamente da parte da terrivel carcereira, que sobrecarregando-o de obra, cada vez mais lhe escasseava o sustento.

Adriano não podia já dispôr de um unico instante. A desesperação começava a apoderar-se d'aquella alma simples e ingenua, quando um seu collega lhe propoz a fuga, e lhe proporcionou meios para ella. Brawer fugiu. Mal enroupado, sem consciencia do seu valor, sem conhecimento da vida externa, mal preparado para os azares da fortuna, achou-se quasi idiota e inerte no goso da suspirada liberdade. Sem se saber governar, entrou n'uma paderia, e gastou todo o seu peculio em pão; passou pela igreja, entrou; e julgando-se ahí mais seguro encostou-se por baixo do orgão, pensando no que faria para melhorar a sua vida. Entregue a taes cogitações é reconhecido por alguém, que o reconduz a casa do mestre, que já em vão o fizera procurar. Adriano queixase então do máu tratamento que soffria, e não compromette quem lhe dera o conselho. Francisco Hals, que via fugir com Brawer o seu *El-dorado*, prometeu-lhe d'então em diante melhor tra-

tamento, e com effeito parece haver cumprido, ainda que tardiamente, esta acertada resolução. Compra-lhe immediatamente um fato, mas n'um adêlo, e d'ali em diante o alimento começa a ser melhor.

Animado com a mudança de posição, Brawer entrega-se com mais afan ao trabalho, sempre em proveito do mestre. Mas o primeiro passo fôra dado. Adriano aspirára o ar da liberdade, e a memoria d'um dia que fôra exclusivamente seu, pulava-lhe na imaginação. O captiveiro de Brawer locava pois o seu termo. Da boca dos condiscipulos soube, que as suas obras se vendiam por bons preços. Excitado por estes indicios do proprio merito, e pela aversão á subjeição, soube com mais destreza evadir-se, não parando senão em Amsterdam. Ahí albergou-se em casa de um negociante de quadros que lhe fez bom gasalhado o onde por excepção o guiou uma vez a ventura. «Julguem, diz um auctor, que prazer não sentiria Brawer, ao saber que suas obras eram assás procuradas, e se vendiam por consideravel preço!» Conhecidos os seus talentos por todo o paiz, era elle o unico que os ignorava!

Em breve lhe encommenda um amator um quadro, que paga por quasi cem ducados, que o artista a medo ousou pedir. Louco com a posse de tal quantia, o artista corre ao seu quarto, estende-a por sobre a cama, deita-se e rebola-se por cima, depois junta-a, sáe, váe para a taberna, onde durante dez dias gosa com gente da infima plebe, todas as *delicias* do desregramento e devassidão. Quando esgotado o seu peculio volta a casa, e o negociante lhe pergunta o que fizera ao dinheiro, responde com a maior indifferença: «Felizmente deslize-me d'elle, agora estou livre.»

D'aqui já se pôde aventar qual será d'ora avante a vida do artista. Trabalho e miseria, desordem, devassidão, e todas as fraquezas d'uma educação mal dirigida, vão gastar em poucos annos uma natureza privilegiada, e uma alma formada para as grandes cousas! O primeiro periodo da sua existencia deixou-lhe no animo uma impressão terrivel, que influirá em toda a sua vida futura, da qual o sentimento dominante será — o horror á dependencia!

D'ora avante solto de quaesquer ligações, vel-o-heis vagar de terra em terra, sem casa, sem familia, vel o-heis fazer da taberna o seu gabinete; trabalhar, largar o pincel para se entregar á dissolução; empenhar-se em rixas com a relê do povo, ou adormecer no seio da embriaguez; pintar um quadro, receber o seu preço, e não tornar a pegar da palheta senão depois de não ter dinheiro; e quantas vezes, para pagar as suas despesas, terá de esperar na bodega que lhe vão vender um quadro! Miseravel destino!

Mil peripecias, nascidas de uma vida sem freio e sem concerto, encherão os intervallos deste deste drama do acaso. Ora o roubam os ladrões em uma jornada, e o deixam sem fato; Brawer compra um pouco de panno de linho, manda fazer um vestuario completo, prepara-o, pinta-o das

mais bellas flores ao modo das chitas da India. As damas illudidas pela belleza do desenho querem possuir igual droga para seus vestidos. Brawer vae a um theatro, sóbe ao palco, pega d'uma esponja molhada, e n'um momento apaga, ante todos, a pintura que os enganára. Outr'ora vendo que os seus parentes o despresavam por andar sempre mal vestido, finge-se commovido, e resolvido a apresentar-se de modo que os não envergonhe. Compra um bello fato de velludo, e começa a mostrar-se ricamente vestido. Um primo convida-o logo para as suas bodas. A meza todos gabam o bom gosto e magnificencia do traje. Adriano toma um prato de molho e derrama-o por todo o fato, besunta-o de manteiga, dizendo que se devia regalar, visto ser este o convidado e não elle. Em seguida deitando um olhar de desprezo á parentela absorta, despe o fato, lança-o ao lume á vista de todos, e corre a encerrar-se na taberna com o cachimbo e a aguardente (como diz um escriptor) lhe faziam as vezes das riquezas e grandezas deste mundo.»

Comtudo, apesar da dissipação, Brawer não pinta materialmente. Quando a mão trabalha, o seu espirito está concentrao e todo entregue ao assumpto, e o pincel segue obediente e fiel a inspiração que agita o artista. Como o Dominiquino que, dominado pelo assumpto, exprimia no rosto, o gesto, a paixão que o pincel ia arrancar da tela; Brawer era ouvido fallar francez, alemão, hespanhol, italiano, segundo o character que o seu genio criava. Este ardor da composição, esta compenetração do assumpto é o que dá vida, vigor, e eternidade ás criações destes deuses da arte.

Por um largo periodo os paizes do norte, que são hoje a Belgica e a Hollanda, foram theatro de cruéis guerras, com que a ambição dos principes disfarçada sob o manto da religião, ensanguentou aquelles então malaventurados paizes. Francezas, italianas e castelhanas hostes trataram por muito tempo aquelles infelizes povos, com a mesma voracidade, com que um tropel de mastins disputam um esbrugado osso. Era pois n'uma d'essas guerras. Ardia a Flandres com o fragór das armas; e por um pendor irresistivel para as não procuradas aventuras, foi então que Brawer foi tomado d'um desejo vehemente de ir a Anvers. Debalde seus amigos lhe representaram a imprudencia e perigos de semelhante passo. As suas resoluções eram inabalaveis; qualquer subjeição o irritava; Brawer partio. Apenas chegado a Anvers é preso por espião, elevado á cidadella onde fica recluso. Por fortuna encontrou ahí um distincto cavalheiro, o duque d'Aremberg, que se jactava de ser amigo de Rubens. Brawer informou o duque da sua profissão, o qual pediu a Rubens fornecesse áquelle preso, tudo o que fosse preciso para pintar, o que o pintor promptamente executou. Apenas Rubens vio o quadro do preso, arrebatado exclama: «este quadro é de Brawer!» e quiz absolutamente dar por elle a bella somma de seiscentos florins. Immediatamente

emprega toda a sua grande influencia com seus amigos, para conseguir a liberdade do desgraçado pintor. Alcançada esta, leva-o para sua casa, aloja-o, veste-o como entendeu dever fazer, em summa manifestou-lhe o seu grande apreço, fazendo tudo o que um grande homem como Rubens, podia fazer a outro, que seria tão grande como elle, se a sua sorte não fosse tão differente. Brawer porém não podia subjeitar-se á minima dependencia, fugio de casa de Rubens para gozar da liberdade que apreciava acima de tudo. Tal foi o horror que os primeiros annos da sua vida de pintor deixaram impresso no seu character a toda a especie de escravidão!

Cansado emfim de tanto vaguear (e *vadiar* pôde-se dizer sem injustiça) contraio amizade com um padeiro de Bruxellas, casado, segundo consta, com uma bella mulher. Este padeiro dava tambem hospedagem, e sympathisando com o pintor, encarregou-se de o albergar, sustentar e de cuidar d'elle. O padeiro amava excessivamente sua mulher, e era ciumento em excesso; comtudo, cousa singular, Brawer soube fazer-se igualmente estimar dos dois esposos. Entre o pintor e o padeiro estabeleceu-se uma ligação tão sincera e estreita, que jámais quizeram separar-se. Brawer em reconhecimento de tão bom acolhimento prestava alguns serviços á sua hospeda, e ensinou o padeiro a pintar. Este será conhecido entre os artistas com o nome de José Van Craesbeek, e é curioso saber como Brawer fez de um homem condemnado a amassar e a fornear, um pintor de merecimento. Quando Craesbeek acabava de coser o pão, vinha para o pé do seu amigo vê-lo pintar. Observava a maneira como elle esboçava, trabalhava e finalisava seus quadros. Em seguida iam os dois amigos para a taberna. Passado tempo achando Craesbeek que já poderia pintar, pegou dos pinceis e da palheta, e guiado e ensinado pelo amigo em breve soube aproximar-se dos talentos do mestre, cujos costumes, segundo o mesmo auctor, nada lhe havia custado seguir.

Unidos por tão estreita amizade, pintavam, e embriagavam-se de parceria. Rixas, pendencias, provenientes d'aquelle genero de vida, não tardaram a compromettel-os com a justiça. Tiveram de emigrar. Brawer, vagando de terra em terra chegou a Anvers cansado, gasto, sem fato quasi, sem meios, e roido das inclemencias de semelhante vida. Adoece, entra no hospital, e expira passados dois dias, no meio da sua carreira, no vigor da idade, aos 32 annos, em 1640!

Enterrado no cemiterio sem distincção, logo chegou o successo á noticia de Rubens. Este grande homem vertendo lagrimas sinceras sobre o desgraçado termo d'uma vocação tão verdadeira, faz desenterrar o cadaver, e fal-o inhumar de novo com a pompa digna de um grande homem. Estas honras foram completadas com o magnifico tumulo que a municipalidade d'Anvers lhe dedicou.

Eis as principaes feições d'um pintor celebre, e que maior pareceria se a sua vida tivesse tido

outra direcção. As suas obras são muito apreciadas, ainda que em geral, como quasi todas as pinturas flamengas, as scenas que descreve são populares. Quem quizer mais algumas noticias

sobre este assumpto lêa Felibien, Descamps, d'Argenville, Anecdotes des Beaux-Arts etc. etc.

20 de julho de 1866.

JACINTO PERES.



Leeds.

A cidade de Leeds é hoje contada no numero das grandes e das mais importantes da Inglaterra. Acha-se situada, no condado de York, cerca de trezentos kilometros ao noroeste de Londres. A sua população ascende a perto de cento e noventa mil habitantes. Contem um grande numero de edificios, as ruas são espaçosas e elegantes, e as praças e squares magnificos.

No seculo passado ainda esta cidade era pouco considerada; o grão elevado de prosperidade em que actualmente a vemos, deve-o ao grande desenvolvimento que, nestes ultimos annos, tem tido as industrias commercial e manufactureira. Leeds tornou-se o grande emporio do commercio das lãs, e os seus pannos, de uma medida especial, ditos *pannos de Leeds*, são muitissimo estimados pelo seu apurado fabrico e fina qualidade.

Além d'isso encontra-se ali um grande numero de fabricas de louça, de tecidos de algodão e de seda, fundições de machinas, etc.

A historia de Leeds mui pouco ou nada nos apresenta de interessante. Foi outr'ora uma praça forte; e o seu castello, cuja perspectiva se vê em a nossa gravura, servio de prisão a Ricardo II, em 1399.

OBRAS INÉDITAS

I

Noticia d'uma traducção inédita da *Enaida* em verso portuguez

Parece incrível haver quem assevere terem os Portuguezes escripto pouco! Quem tal diz, parece nunca ter visto os volumes da Bibliotheca Lusitana, ou do Diccionario Bibliographico, obras que devem andar nas mãos de quantos querem fallar da Litteratura Portugueza.

Igualmente dá mostras de ignorar a existencia de tantas obras inéditas, guardadas nas bibliothecas do reino, e dos paizes estrangeiros, havendo d'ellas catalogos impressos, e por isso não causa tanta admiração de que não tenha conhecimento d'aquellas de que os nossos classicos fazem menção, e que se julgam para sempre perdidas. É immenso o numero das publicadas e não publicadas, e não sei mesmo se relativamente á pequenez do nosso paiz tambem no numero d'ellas levamos vantagem a varios outros povos; mas o que sei com certeza é que considero uma vergonha nacional o não se terem ainda dado á luz algumas, ao menos das escriptas em lingua nacional: visto as latinas hoje terem poucos leitores, attendendo ao des

prezo que actualmente se tributa em Portugal ao estudo do Latim, lingua em que geralmente nossos maiores escreviam como lingua universal (1) que era, por ser reputada a lingua dos sabios, e em fim por ser lingua mais estudada que a portugueza.

A vista pois do cuidado com que nossos maiores estudavam a lingua de Virgilio e Ovidio, não deve causar admiracão o grande numero de traducções que nos legaram d'estes dois grandes poetas, e com especialidade do primeiro. Não deve causar estranheza que a *nação espirituosa* (2), se applicasse com fervor á deliciosa leitura das obras d'um dos maiores poetas, que jámais existiram, e que procurasse em linguagem vernacula traduzir (se é que traduzidas podem ser as bellezas de tão grande escriptor) as bellezas do rei da harmonia. E d'aqui se seguiu que tenhamos um numero avultado de traducções de todas as obras de Virgilio de cujos traductores de passagem farei uma resenha.

TRADUCTORES DAS ELOGAS

Leonel da Costa. — Antonio José de Lima Leitão. — Manoel Odorico Mendes. — José Pedro Soares. — Francisco Antonio Martins Bastos.

DAS GEORGICAS

Leonel da Costa. — Antonio José Osorio de Pina Leitão. — Francisco Freire de Carvalho. — Manoel Odorico Mendes.

DA ENEIDA

João Franco Barreto. — Luiz Ferraz de Novaes. — Antonio José de Lima Leitão. — José Victorino Barreto Feio, (esta concluida por José Maria da Costa e Silva). — Manoel Odorico Mendes. — João Gualberto dos Santos Reis. (3)

São estes os traductores de Virgilio, dos quaes tenbo conhecimento. Ha tambem muitas traducções inéditas, das quaes diferentes escriptores teem dado noticia. Existe, porém, uma que tem atravessado os annos completamente desconhecida, é a de Luiz José Lopes Carneiro Pereira, da qual é possuidor o Sr. Dr. P. A. Dias, e residente na cidade do Porto.

Tem o seguinte titulo: Eneida de Virgilio traduzida em verso portuguez para seu uso pelo Padre Luiz José Lopes Carneiro Pereira, Conego da Insigne e Real Collegiada de Cedofeita. Porto. 1801.

Para se fazer uma idéa do modo como esta traducção foi feita copiarei o principio do liv. 4:

(1) De passagem direi que o latim ainda hoje se pode considerar como lingua universal. São innumeraveis as obras que diariamente n'esta lingua se publicam nos paizes Europeos. Em Setembro de 1866 chegou de Riga um navio ao Porto. Nesta cidade puzeram difficuldade na admissão do navio por suspeitas de vir d'uma terra inficionada de cholera. O capitão do navio mandou vir da Russia um attestado em como na terra da procedencia não havia cholera: veio o attestado, mas escripto em latim. Ha antos estiveram uns padres chinezes, em Lisboa, sómente poderam ser entendidos por meio do latim.

(2) Voltaire. Essai sur la Poesie Epique. Camoens.

(3) Além d'estas traducções impressas ha bastantes manuscritas, e muitas parciais de varias obras de Virgilio. O sr. Castilho está traduzindo as Georgicas.

At regina gravi jamdudum, etc. etc.

A rainha porém ha muito tempo
Gravemente ferida, vai filtrando
Nas veias o veneno, occultamente
Lacerando-lhe o peito surdas chammas.
A gloria do varão, sua nobreza
Recorda sem cessar: o seu semblante
Suas vozes guardando impressas n'alma
Nem lhe deixa o cuidado achar repouso
Do horizonte apartando as sombras frias
Na seguinte manhã brilhante aurora
C'a luz do sol abria a porta ao dia,
Quando a rainha inferna d'este modo
A' concordante irmã segue dizendo:

— “Anna, querida irmã, que tristes sonhos
Duvidosa me assaltão! Que homem novo
Aportou perigozo ás nossas terras!
Que presença elle mostra! Como ostenta
Generozas acções de hum peito forte!
Eu creio certamente, e não me ingano,
Que elle descende dos sagrados deozes:
Ai! Que immensos trabalhos tem soffrido!
Quantas guerras passadas referia!
Se eu não tivesse n'alma ainda gravado
O proposito firme invariavel
De não querer-me unir a qualquer outro
Por lassos conjugaes desde esse tempo
Em que a paixão primeira me illudira
Frustrada pela morte do marido,
Se me não motivassem tedio as nupcias,
Talvez nesta só culpa cahiria.
Por quanto, cara irmã, eu te confesso
Do misero Siqueu depois da morte
Em que o crime do irmão manchara os deoses,
Eneas tão sómente meus sentidos
Tem podido mover: sómente Eneas
Póde agitar minha alma vacilante:
Eu persinto signaes do amor antigo,
Mas antes se abra a terra, e me devore,
Ou Jupiter supremo um raio vibre,
Que nas infernais sombras me sepulte,
Essas sombras fatais, profunda noute,
Do que eu chegue, Pureza, a violar-te,
Ou queira quebrantar os teus direitos.
Aquelle que primeiro em lasso estreito
A ti me sociou, levou comsigo
Meu sensivel amor; comsigo o tenha,
Comsigo mesmo o guarde no sepulchro.”—

Assim fallando, as lagrimas rompendo
Encheram-lhe o regaço. Anna responde:

— “Minha querida irmã, a quem mais amo
Inda que a mesma vida, por ventura
Has de esfolhar a bella mocidade
Sem companhia, só, sempre penando?
Não terás o prazer dos doces filhos?
Nem gosarás jámais premios de Venus?
As frias cinzas, sepultadas sombras
Acreditas acaso que isto exijaõ?
Embora seja assim. Naquelle tempo,
Em que te lastimavas, não poderão
Avidos pertendentes dimover-te,
Em Tyro os despresaste, e mais na Lybia:
Abandonaste Jarbas, outros muitos
Valentes generais, que a terra de Africa
Sempre victoriosa produzira:
Por ventura taõbem vencer pertendés
Essa grata paixão! E não te lembrás
De quem são estas terras, onde habitas?
Desta parte nos cercaõ da Getulia
As cidades guerreiras, bravos Numidas,
E as perigosas Syrtes? D'outro lado
A região dezerta esteril de agoas,
Igualmente os Barcitas dezomanos.
E que te direi eu das grandes guerras
Que Tyro brevemente te declara?
E do rancor fraterno das ameassas?
Eu creio na verdade que os bons deozes,
Que Juno favoravel obrigarão

A surgir n'esta praia as naus Troiannas.
Que diferente verás esta cidade!
B quanto crescerão os teus reinados
Na feliz união deste consorcio!
Estes Carthaginezes quam depressa
Gloriosos serão, serão distinctos
Acompanhados das Troiannas armas!
Tu sómente o favor aos deozes pede,
E feitas oblasoens, dilata o tempo,
O tempo da hospedagem, procurando
Motivos de demora: até que o inverno,
E o chuvoso Orion levante os mares,
Nem sua frota esteja inda composta,
Nem tão pouco se mostre o ceo sereno.» —

Em seu peito abrazado estas palavras
Amor inflamaõ; e na mente incerta
Aviva na esperança, e foge o pejo.

M. BERNARDES BRANCO.

A ORIGEM DOS HOMENS BRANCOS, DE COR E PRETOS

Tradição dos Seminolas (1)

Quando a Florida foi convertida em territorio dos Estados Unidos, o governador William P. Duval, homem grande e generoso, concebeu o desígnio de preparar a civilização dos indigenas dando-lhes primeiramente os elementos da instrução. Para este fim, reuniu em conselho os chefes indigenas, e fez-lhes vêr que o desejo de seu Pae residente em Washington, era que entre elles houvesse escolas e mestres, e que seus filhos adquirissem instrução como os filhos dos brancos. Os chefes ouviram silenciosos e com dignidade, segundo o seu costume, o longo discurso, no qual o governador fez sobresahir todas as vantagens que resultariam para elles desta acertada medida; e quando terminou, pediram a espera de um dia para deliberarem sobre esta grave questão. No dia seguinte, houve uma nova assemblea solemne e um dos chefes fallou nestes termos em nome de todos os outros:

«Meu irmão, reflectimos sobre a proposta do nosso Pae de Washington, de mandar-nos mestres e estabelecer escolas entre nós. Estamos penhoradissimos pelo interesse que elle toma na nossa felicidade; mas, depois de termos maduramente pensado, resolvemos recusar a offerta. O que seria muito util aos homens brancos não o seria aos homens vermelhos. Sei que vós outros, homens brancos, dizeis que todos descendemos do mesmo pae e da mesma mãe; mas enganaveis-vos. Temos uma tradição que nos legaram os nossos antepassados e que julgamos ser verdadeira: é que o Grande-Espirito, quando empreendeu criar os homens, fez primeiramente o homem preto; era o seu primeiro ensaio, e já não era pouco para um principio; não obstante vio que não tinha conseguido o que desejava. Decidio-se a fazer um novo esforço: criou o homem de côr. Preferio-o ao homem preto; mas não era ainda o que elle queria. Pôz, pela terceira vez, mãos á obra, e fez o homem branco; então ficou satisfeito. Assim, já vêdes que fostes os ultimos, e é por esta razão que vos chamo o meu irmão mais novo. Quando o Grande-Espirito concluiu

(1) Povos indigenas da America do Norte.

estes tres homens, mostrou-lhes tres caixas. A primeira estava cheia de livros, cartas geographicas e papeis; a segunda continha arcos, frechas, facas e *tomahawks*; a terceira, machados, pás, enxadas e martélos. «Meus filhos, disse elle, eis aqui os instrumentos com o auxilio dos quaes podeis prover á vossa existencia; escolhei entre elles conforme o vosso gosto.» O homem branco, sendo o preferido, escolheu primeiro. Passou por diante da caixa dos instrumentos de trabalho sem para ella olhar; mas quando chegou ao pé das armas de guerra e de caça, parou e observou-as com attenção. O homem de côr tremeu, porque o seu coração ardia já com o desejo de possuir esta caixa. O homem branco, comtudo, depois de a ter bem examinado durante alguns momentos, passou adiante, e escolheu a caixa de livros e papeis. Seguiu-se a vez do homem vermelho; escusado é dizer que não hesitou em lançar logo mão, cheio de alegria, do arco, frechas e tomahawks. Para o homem negro não havia a liberdade de escolher; não tinha senão a caixa dos instrumentos de trabalho. É, pois, manifesto, que a intenção do Grande-Espirito era que o homem branco aprendesse a ler e a escrever, a conhecer tudo quanto se refere á lua e ás estrellas, e, em uma palavra, a fazer todas as cousas, incluindo o *rhum* e o *whiskey*. Quiz que o homem de côr fosse um grande caçador, um valente guerreiro, mas que não aprendesse cousa alguma nos livros, por quanto não lhe tinha dado nenhum; nem que fizesse o *rhum* e o *whiskey*, com receio de que á força de beber se arruinasse. Quanto ao homem negro, como só tinha instrumentos de trabalho, é claro que fôra destinado a trabalhar para os homens brancos e de côr e é o que sempre tem feito. (2) Devemos submeter-nos ás vontades do Grande-Espirito, porque d'outro modo estaríamos sempre rodeados de desgraças. Saber ler e escrever é um grande bem para os homens brancos; mas será um grande mal para o homem de côr. Isso torna o homem branco melhor, mas faria o homem vermelho peor. Alguns dos Criks e Cherokees aprenderam a ler e a escrever, e tornaram-se os maiores malvados de todos os Indios. Foram a Washington, dizendo que iam ter com seu Pai para tratarem assumptos d'interesse nacional. Quando chegaram escreveram em um pedaço de papel; e os homens da sua nação não souberam o que elles haviam escripto. Mas, o agente indio, chamando-os, mostrou-lhes o papel, no qual, disse elle, estava escripto um tratado que seu irmão concluiu em nome delles, com o seu Pae de Washington; e como elles não sabiam o que era um tratado, o agente levantou ao ar o bocado de papel: todos olharam por debaixo. Oh! cobria uma grande extensão de terreno, e viram que seus irmãos, porque sabiam ler e escrever, tinham ido a Washington, vender as suas casas, as suas terras e os tumulos de seus paes, e que os homens brancos,

(2) Os Seminolas nunca viram os negros senão na qualidade de escravos; ignoram o que são em Africa, no estado de liberdade.

porque sabiam ler e escrever, tinham-se tornado senhores de tudo. Eis porque, dizei a nosso Pae de Washington, não podemos satisfazer o seu desejo recebendo professores entre nós; saber ler e escrever é muito bom para os brancos mas muito mau para os Indios. (3)

A TORRE DE LONDRES

(Continuação)

Seria mui longa a enumeração de todos os personagens celebres que habitaram na torre de Londres e acharam ali termo a seus soffrimentos; mas não devemos passar em silencio as scenas tragicas do reinado de Henrique VIII. Sir Thomaz More, nomeado por seu talento e bondade, foi preso em 1534, com Fisher, bispo de Rochester, por ter recusado reconhecer a supremacia do rei, e ambos pereceram no anno seguinte; a rainha Anna Bolena soffreu, em 1536, a fatal consequencia dos barbaros caprichos de seu marido, e todos os annos vio chegar novas victimas: os lords Thomaz Howard, Darcey, Montague e o marquez de Exeter, accusados de traição, perderam a vida no cadafalso. Cromwell, conde d'Essex sabio e fiel conselheiro do rei, foi executado em 1540, por ter sido o auctor principal do seu casamento com Anna de Clèves, mulher que se lhe tornou odiosa. Pouco tempo depois o mesmo cutelo decepou as cabeças de sua quarta mulher, Catharina Howard e da amiga intima desta, lady Rochford.

Estes logares que pareciam consagrados á desgraça, foram por um contraste singular, testemunhas de um genero de morte muito differente: Arthur Plantagenet, filho natural de Eduardo IV, morreu de alegria, sabendo que fora reconhecida a sua innocencia. Os tormentos de Joanna Grey e de seu esposo, lord Guilford Dudley, ambos victimas da ambição do duque seu pae, que arruinou a familia e os amigos, e as torturas pelas quaes a rainha Anna fazia passar todos que não compartilhavam das suas idéas religiosas, formam as principaes scenas do tragico drama do seu reinado. A torre servio tambem d'asylo á princesa Isabel, e quando, seguindo o exemplo de seus predecessores, ella a deixou para a cerimonia da sua coroação, nenhum soberano, talvez, em taes momentos recebeu provas de mais sincero interesse. Comtudo, é preciso convir, que, apesar da prosperidade deste reinado, nunca se vio na torre maior numero de prisioneiros de todas as condições. Encontra-se em um relatório apresentado ao conselho, em 1561, seis bispos, um abbade de Westminster, dois condes, lady Catharina Grey e mais doze individuos. Howard, duque de Norfolk, preso em 1569, foi executado tres annos depois por seus manejos a favor de Maria Stuart, assim como seu filho o conde de Arundel, e o conde de Northumberland pelo crime de traição; este ultimo querendo impedir a rainha de lhe confiscar os bens, não esperou pelo bill e suicidou-se.

(3) Washington Irving.

Um dos homens mais bravos, e tambem o mais habil e o mais infeliz do seu seculo, sir Walter Raleigh, foi capturado, em 1582, por ligações que tinha com uma donzella de honor da rajaha, mas, desposando-a, prestes obteve a liberdade. No reinado seguinte, porém, terminou o seu longo captivo pelo ultimo supplicio. Devereux, conde d'Essex, cujo destino cruel projecta uma sombra enorme na memoria d'Isabel, e os condes de Southampton e de Rutland, pertencem ao numero dos que ali foram encarcerados durante este reinado.

Os dois mais notaveis prisioneiros, no tempo de Jacques I, são: lady Arabelle Stuart, cujo parentesco com Maria despertou o ciúme de Isabel, e mais tarde o de Jacques. Surpresa com seu marido, William Seymour, no momento em que esperava salvar-se, endoudeceu de pesar, e morreu na prisão em 1615; o outro é Thomaz Overbury que fôï perseguido e condemnado á morte por intrigas do infame conde de Somerset, e da sua amante lady Essex. O conde de Strafford, ministro muito afeiçoado a Carlos I, e o arcebispo Land, conduzidos para a torre em 1640, foram executados ali em pouco tempo.

Seria de uma grande impossibilidade entrar nos promenores dos factos que se passaram na torre no reinado dos dois Carlos e durante a republica; os revezes da fortuna que para ali levaram alternativamente os partidarios das duas causas, são do dominio da historia. Carlos II foi o ultimo rei que habitou na torre antes de ser corôado; desde então deixou de ser residencia real. A maior parte dos que foram implicados no processo de Carlos I, soffreram, sob o reinado de seu filho, morte lenta e cruel ou prisão perpetua.

Em 1666, foi descoberto um projecto de ataque contra a torre e os seus auctores sentenciados á morte; no mesmo anno houve um grande incendio, que destruiu parte da cidade, mas a bastilha de Londres ficou de pé. O duque de Montmouth, sobrinho do rei, foi executado em Tower-Hill em 1685. Mas, ou por falta de vigor, ou por timidez, o executor ferio-o tão levemente que o duque levantou a cabeça e encarou-o como que para censurar-lhe a sua ineptia; diz-se que só ao quinto golpe o carrasco conseguiu separar-lhe a cabeça do corpo.

(Continua)

O antigo editor do **Panorama**, desejando proporcionar aos actuaes srs. assignantes, e mesmo a quaesquer outras pessoas que o não sejam, a maneira de poderem possuir, sem grande sacrificio a collecção completa deste interessante jornal, que conta hoje **15 volumes** publicados, deliberou, para esse fim, abrir nova assignatura, não alterando o preço que teve a antiga, sendo o custo de cada volume broxado 1300 réis, e encadernado 1600 réis, isto unicamente para aquelles que se inscreverem como assignantes. As pessoas que assignarem para esta obra receberão, um ou mais volumes cada mez, conforme melhor lhes convier, sendo o importe dos mesmos pago no acto da entrega. E as que tenham a collecção do **Panorama** incompleta, podem da mesma forma assignar para os volumes que lhes faltarem, bem como para qualquer numero que lhes faltar.

As assignaturas fazem-se nos seguintes locais:

Rua Aurea n.º 132 e 134; na redacção do PANORAMA, rua do Thesouro Velho n.º 6; e em todas as mais livrarias.

Em Braga, Porto, Coimbra e Vianna, em todas as livrarias.

De quaesquer outras terras do reino podem dirigir-se, em carta franca, com o importe da assignatura em valles do correio, ao antigo editor, rua Aurea n.º 132, accresce ao preço da assignatura, o porte do correio que é de 250 para os volumes em broxura e 310 réis para os encadernados.

Typ. Franco-Portugueza, Rua do Thesouro Velho, 6.